



O BEM-VIVER RICOEURIANO E A SUA RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA

JOSÉ AGUIAR NOBRE¹

RESUMO: O presente trabalho explora o conceito de vida boa na obra de Paul Ricoeur. Para além de um trabalho meramente conceitual nossa reflexão pretende apropriar-se desta conceitualidade para fornecer pistas ou pílulas a fim de enfrentar os desafios contemporâneos. Verificamos no conceito de vida boa de Ricoeur um importante aporte para superar o individualismo e a fragmentação das relações humanas, precisamente porque a noção de boa vida se conecta ao viver-junto da vida em sociedade. Côncios de não ser esta uma pesquisa exaustiva, exploramos o conceito no âmbito de sua filosofia reflexiva mediatizada pelos símbolos, onde sustentamos uma abordagem implícita ao tema do bem-viver. Em seguida, exploramos o conceito de bem-viver de modo explícito no contexto em que ele aparece na “pequena ética” de *O si-mesmo como um outro* (estudos de sete a nove). Porém antes de tratarmos deste tema defendemos a hipótese de que uma perspectiva teleológica de vida, de vida boa, é antecipada no contexto da teoria da ação de Ricoeur através dos conceitos de padrões de excelência e planos de vida que determinam a espécie de hierarquia da *praxis*.

PALAVRAS-CHAVE: Paul Ricoeur. Bem-viver. Formação integral.

ABSTRACT: The present work explores the concept of the good life in the work of Paul Ricoeur. Beyond a merely conceptual work, our reflection intends to appropriate this conceptuality to provide clues or pills in order to face contemporary challenges. We see in Ricoeur’s concept of the good life an important contribution to overcoming individualism and the fragmentation of human relationships, precisely because the notion of the good life is connected to living together in society. Aware that this is not an exhaustive research, we explore the concept within the scope of its reflexive philosophy mediated by symbols, where we sustain an implicit approach to the theme of well-being. Next, we explore the concept of well-being in an explicit way in the context in which it appears in the “small ethics” of *The self as another* (studies seven to nine). However, before dealing with this topic, we defend the hypothesis that a teleological perspective of life, of the good life, is anticipated in the context of Ricoeur’s theory of action through the concepts of standards of excellence and life plans that determine the species. of hierarchy of praxis.

KEYWORDS: Paul Ricoeur. Good life. Comprehensive training.

¹ Docente da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).. E-mail: nobre.jose@gmail.com.

Apesar de haver atualmente uma grande produção teórica sobre o pensamento de Paul Ricoeur no Brasil, constatamos na bibliografia disponível pouca atenção ao tema da vida boa. Este tema ganha relevância na sociedade contemporânea, na medida em que a noção de vida boa postulada por Ricoeur se efetiva no plano de uma existência social e coletiva em contraposição à ideia de realização individual.

De uma parte a presente pesquisa não tem a pretensão de esgotar a reflexão sobre o tema, precisamente porque isso seria impossível neste curto espaço, mas, sobretudo, porque reconhecemos que esta pesquisa é ainda incipiente, exploratória e não conclusiva. De outra parte, vislumbramos na obra de Ricoeur aspectos esparsos que apontam para a problemática da vida boa, seja no contexto de sua filosofia reflexiva e sua mediação simbólica, da fase inicial, seja a partir da hermenêutica do si de *O si-mesmo como outro*, na fase madura, que abrem caminhos para a compreensão da vida boa em Ricoeur.

Portanto, para além da abordagem explícita sobre a vida boa, que Ricoeur desenvolve no sétimo estudo de *O si-mesmo como um outro*, julgamos que esta problemática aparece de modo implícito a partir de sua filosofia reflexiva, herdeira que é da vida examinada à maneira socrática. Mas mesmo em *O si-mesmo como outro*, defendemos a hipótese de que tal problemática não aparece desconectada da teoria da ação, dos estudos presentes dessa obra, uma vez que os padrões de excelência e os planos de vida, enquanto extratos coletivos da existência, constituem um campo hierárquico e teleológico da ação que podem ser avaliados sob a qualidade do bom, tal como quando pensamos num bom médico. Esta perspectiva teleológica vem, de alguma forma, reforçar a tese da tríade da ética, na mediada em que a ideia de realização se orienta em Ricoeur para o viver-junto, a vida coletiva.

Para dar conta da problemática da vida boa em Ricoeur estruturamos nosso trabalho em três seções fundamentais: (i) a primeira na qual procuramos observar as nuances de uma sociedade contemporânea fragmentada que aponta para a necessidade de uma outra forma de compreensão do ser humano que adjetivamos, na linha de Ricoeur, como “integral” e que tende para uma perspectiva ética do bem viver e de uma existência coletiva. A segunda na qual exploramos aspectos da teoria da ação de Ricoeur que, ao nosso modo de ver, constituem os aportes propedêuticos de uma vida boa que podem nos conduzir para a ética. A terceira na qual exploramos elementos da “pequena ética” na qual estabelecemos a noção de vida boa no percurso de sua tríade ética.

A perspectiva da vida boa de Ricoeur face à complexidade e desafios da contemporaneidade

Em face de um tempo extremamente voltado para um modo de vida horripelantemente desigual e fragmentário, compreendemos que a relevância do pensamento de Paul Ricoeur nos apresenta um marco para a efetivação da utopia do bem-viver. Ele traz elementos importantes para que a humanidade possa retomar o passo de sua teleologia, na busca de uma vida feliz. Parece uma ambição exageradamente utópica esta afirmação, contudo, entendemos que a importância do pensamento de Ricoeur se torna evidente quando se coloca na direção de uma formação para a vida em sociedade.

Como sabemos, Ricoeur é dos mais fecundos pensadores da época contemporânea e de grande relevância para a compreensão dos tempos hodiernos, deveras conflituosos. Nesse sentido, o contato com a literatura de Ricoeur, nesse mundo marcado por conflitos, indubitavelmente habilita o leitor a contribuir na administração dos conflitos culturais da sociedade, sobretudo porque Ricoeur aponta para a importância de utilizarmos as ferramentas dos estudos linguísticos e semiológicos para fazer frente aos desafios inesperados que o dinamismo da vida hodierna nos apresentam em velocidades inesperadas e imponderáveis.

Argumentamos que o leitor contemporâneo encontra na obra de Ricoeur uma rica contribuição para solucionar ou esclarecer os conflitos atuais que eclodem numa proporção gigantesca e que alteram os rumos da humanidade.

Entendemos que é impossível estarmos atentos à realidade do mundo em que nos coube viver, se não nos sentirmos tocados, de forma preocupante, em face da espantosa ascensão das trevas. Trevas essas que se manifestam, desvelada e escancaradamente, nas mais diversificadas formas de atrocidades. Estarrecidos, acompanhamos, com sensação de impotência, as ações ‘humanas’ intolerantes e violentas de todos os tipos que se possa pensar. Jamais imaginaríamos que pudéssemos chegar a pleno século XXI, com tantos contratemunhos advindos das ações de seres chamados de gente, mas que, na verdade, envergonham a raça humana. É a era da espetacularização da morte e de todos os tipos de violências, cujas consequências são o medo e o terror se espalhando por todos os lados. Tristemente, a crise moral, política, humanitária e ecológica toma proporções espantosas. Vivemos na época marcada pela chamada ‘pós-verdade’, onde as opiniões e crenças pessoais se sobrepõem aos fatos objetivos (NOBRE, 2017, p. 11).

O pensamento de Ricoeur abrange uma imensidão de temas, mas um tema parece ser reconhecido por ele como dominante: o agir humano. Nesse sentido, vale registrar, que Ricoeur aborda esta problemática central do agir a partir de três tradições que ele diz pertencer: a filosofia reflexiva, a fenomenologia existencialista e a hermenêutica. Estas linhas de força não

são progressivas, nem cronológicas, mas simultâneas. Conforme Ricoeur/Changeux (2017, p. 13):

Eu pretendo descender-me de uma das correntes da filosofia europeia que se deseja caracterizar por certa diversidade de designação: filosofia reflexiva, filosofia fenomenológica, filosofia hermenêutica. O primeiro vocábulo – filosofia reflexiva – tem sido enfatizado no movimento pelo qual o espírito humano procura recuperar a sua capacidade de atuar, de pensar, de sentir, capacidade de certo modo perdida, afundada nos saberes, nas práticas e nos sentimentos que a exteriorizam na relação consigo mesma. Jean Nabert é o mestre emblemático desta primeira corrente comum. O segundo vocábulo – filosofia fenomenológica – designa a ambição de ir ‘às coisas mesmas’, consiste em dizer a manifestação do que se mostra a experiência mais despojada de todas as interpretações herdadas da história cultural, filosófica e teológica; essa ânsia – no sentido inverso da filosofia reflexiva – coloca acento na dimensão *intencional* da vida teórica, prática, estética etc., e define toda consciência como consciência de si’. Husserl segue sendo o herói homônimo desta corrente de pensamento. No terceiro vocábulo – filosofia hermenêutica – herdado do método interpretativo aplicado primeiro aos textos bíblicos (exegese), aos textos literários clássicos (filologia) e aos textos jurídicos (jurisprudência), o acento é colocado sobre a pluralidade das interpretações ligadas ao que poderíamos chamar a leitura da experiência humana. Nesta terceira forma, a filosofia coloca em questão a pretensão de qualquer outra filosofia livre de pressuposições. Os mestres desta terceira tendência se chamam Dilthey, Heidegger e Gadamer.

Como podemos ver, a herança ricoeuriana descende desta tripla descendência, e, no caso da pesquisa em questão, fica muito claro o papel e a importância da hermenêutica para que o ser humano possa realizar uma profunda e constante reinterpretação de si, da sua experiência, rumo ao alcance do bem-viver que consiste em uma vida boa, feliz, realizada. A compreensão deste horizonte da herança ou matriz teórica de Ricoeur, fornece-nos elementos para a constituição de uma ética do bem-viver na contemporaneidade.

Além disso, a filosofia de Ricoeur é também marcada por três influências importantes: primeiramente pela tradição dos existencialistas Gabriel Marcel e Karl Jaspers: do primeiro buscando entender a realidade do existir, superando o dualismo objetividade/subjectividade, através de uma reflexão concreta; do segundo retem o tema das situações-limite da existência, da culpabilidade, entre outros. A segunda influência importante deriva do pensamento rigoroso de Edmund Husserl, do qual foi tradutor e difusor na França, propondo uma aplicação completamente original da fenomenologia para o campo da vontade e da ação humana. Uma terceira influência provém do pensamento clássico. Enquanto dava aulas de história da filosofia em Estrasburgo, ele estudou profundamente Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, bem como a

tradição racional do pensamento ocidental: Descartes, Kant, Hegel, Nietzsche, além de Freud, Heidegger e o personalismo de Emmanuel Mounier.

Como podemos observar, o pensamento de Ricoeur é vasto e complexo, torna-se cada vez mais rico na medida em que vai incorporando novos parceiros em seu itinerário filosófico. Mas Ricoeur não pode ser acusado de ecletismo, por conta da defesa de uma matriz epistemológica e ontológica, a qual nos referimos, a partir da qual ele enfrenta os diferentes reducionismos no campo das ciências humanas. Seu diálogo em amplas frentes traz valiosas contribuições para a contemporaneidade.

Filosofia reflexiva, mediação simbólica e vida boa

No tempo de Ricoeur, a fenomenologia era bem conhecida na França através Sartre, Merleau-Ponty, Lévinas e Marion, – que foi depois transformada em um sentido hermenêutico, mediante Heidegger e Gadamer. O mesmo não ocorreu com a hermenêutica que, ao que parece, Ricoeur é o único representante legítimo. Mas o que dizer da tradição reflexiva? De fato, há uma tradição bem conhecida na França que parte de Maine de Biran e passa por Jean Nabert, da qual Ricoeur diz pertencer, mas que não produziu tanta visibilidade quanto a fenomenologia, mas certamente possui mais visibilidade do que a tradição hermenêutica na França. Sobre a tradição da filosofia reflexiva Grondin (2015, p. 24) tece o seguinte comentário:

[...ela] buscava resistir à visão puramente materialista e ou sensualista (diríamos hoje naturalista) do homem, [...]. A ideia forte de uma filosofia reflexiva é a de que não se pode compreender o homem sem partir da autorreflexão que o caracteriza e que uma análise biológica ou mesmo cerebral nunca atinge.

Nesse sentido, para uma genuína compreensão do bem-viver a partir de Ricoeur faz-se necessário notar que esta noção só faz sentido na perspectiva de uma compreensão integral do ser humano que vai além da análise biológica e ou cerebral. Filósofos e cientistas como Georges Canguilhem² e Gaston Bachelard³, ou mesmo as discussões realizadas entre Karl Popper⁴ e John Eccles, postulam um outro caminho possível para o conhecimento acerca do ser humano. Estes autores, diz Ricoeur/Changeux (2017, p. 16), “tentaram construir juntos um sistema

² CANGUILHEM, Georges. *O Conhecimento da vida*. Tradução: Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

³ BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científica*. 5. Ed. Tradução: Estela de Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

⁴ POPPER, Karl e ECCLES, John C. *O Eu e seu Cérebro*. Trad. Sílvio Menezes Garcia, Helena Cristina Fontenelle Arantes e Aurélio Osmar Cardoso de Oliveira. 2ª ed. Campinas, SP; Brasília, DF: Papirus: Editora Unb, 1995.

filosófico que classificasse os níveis em que as ciências do cérebro e a filosofia do espírito interferem, no sentido anglo-saxão da palavra mente”. A reflexão destes autores nos possibilita uma melhor compreensão do itinerário ou mesmo das interlocuções possíveis na compreensão do bem-viver.

No contexto da filosofia reflexiva a vida boa e realizada se interpõe no momento em que o sujeito se interroga sobre si próprio a fim de melhor se compreender. O bem-viver situado numa filosofia reflexiva “remonta ao ‘conhece-te a ti mesmo’ de Sócrates, assim como à ‘questão do que sou eu para mim mesmo’ de Agostinho” (GRONDIN, 2015, p. 25). Em todo o caso, na perspectiva da filosofia reflexiva o bem-viver é atingido no nível de uma contínua compreensão e redescoberta que o sujeito faz de si mesmo, mediante um sinuoso trabalho hermenêutico. Nesse sentido, o caráter prioritário do *cogito* (intermediado por todo o universo dos signos) constitui tanto o ponto de partida como o de chegada de uma pesquisa filosófica, na medida em que o sujeito em Ricoeur é uma tarefa de realização por meio da interpretação dos símbolos, signos e textos que amplificam a compreensão de si mesmo. Vale dizer, a filosofia reflexiva de Ricoeur se completa em uma hermenêutica do sujeito.

Mas para falar da vida boa, é justo considerar o que impede o acesso a uma vida realizada, por isso Ricoeur também se interroga pela vontade má e o caráter trágico da ação. Desse modo, o percurso de Ricoeur para refletir sobre as questões inerentes ao tema do bem-viver perpassam pela:

[...] interpretação dos símbolos da mácula, do pecado, da culpabilidade, em que via a primeira camada simbólica da consciência do mal, em seguida a interpretação dos grandes mitos da queda: mitos cosmogônicos, órficos, trágico, adâmico. Podia assim falar de reflexão *concreta*, por não poder dar à própria interpretação desses símbolos e mitos o estatuto teórico designado pelo termo hermenêutica (RICOEUR, 2011, p. 18).

Para Ricoeur a hermenêutica é o plano decisivo para se alcançar uma correta compreensão de si, que incide no bem-viver:

As fontes de um pensamento são sempre complexas e subterrâneas. Um leitor perspicaz de Freud como Ricoeur não ignora que elas escapam em grande parte ao domínio do próprio sujeito, impregnado que está pelas camadas de seu inconsciente e de sua herança. Mas a filosofia é para Ricoeur uma retomada reflexiva sobre si, que não pode deixar de fazer o esforço de se compreender a si própria a partir de suas origens, mesmo que esta tentativa permaneça incoativa. [...]. A hermenêutica está aqui apresentada, em 1983, como o terceiro e último elemento de uma tríade que faz questão de evocar primeiro a filosofia reflexiva e a fenomenologia. Esta trindade é esclarecedora, tanto no conteúdo quanto na cronologia, pois ela tende a apresentar a hermenêutica como ponto de chegada ao termo de um itinerário que parte da

filosofia reflexiva e da fenomenologia (GRONDIN, 2015, p. 23).

Ricoeur interpreta o ser humano contemporâneo em suas várias dimensões: ética, política, existencial, psicossocial e espiritual. Para tanto, ele se alimenta de fontes pré-filosóficas como o mito, a poesia, os símbolos, a metáfora, a narrativa, como formas de elucidar os sentidos de si mesmo, numa tentativa de melhor conhecer a realidade do humano, chegando à conclusão de que ela sempre nos ultrapassa.

A obra de Ricoeur se contrapõe, assim, a qualquer tentativa de posicionamento reducionista, na medida em que ele postula, através dos métodos que ele pratica, conquistar uma compreensão integral do ser humano e da cultura. Segundo o autor, “o próprio trabalho de interpretação revela um desígnio profundo: o de superar uma distância, um afastamento cultural, o de equiparar o leitor a um texto que se tornou estranho e, assim, incorporar um sentido à compreensão presente que um homem pode obter dele mesmo” (RICOEUR, 1978, p. 8). Em outras palavras, há sempre um sentido novo a desvendar, uma palavra a ganhar novo sentido. Daí, para explicar, mesmo que de forma aproximativa, ele recorre aos símbolos que nos levam a pensar:

“O símbolo dá a pensar”: essa sentença que me encanta diz duas coisas. O símbolo dá. Não ponho o sentido, é ele que dá o sentido. Mas o que ele dá é “a pensar”, do que pensar. A partir da doação, a posição. A sentença sugere, pois, ao mesmo tempo, que tudo já está dito em enigma e que, contudo, é preciso sempre tudo começar e recomeçar na dimensão do pensar (RICOEUR, 1978, p. 243).

Para o autor, o símbolo estimula o pensamento, ele nos leva a pensar de forma ampliada, para além do dado imediato. A riqueza, perspicácia e sutileza deste fragmento de Ricoeur, parafraseado de Kant, possibilita ao ser humano hodierno um estado de descoberta diante dos símbolos. Vale recordar que os símbolos estão sempre prenhes de sentidos inesgotáveis, em contraposição ao ideal de certeza proveniente do cartesianismo. Afirma Ricoeur (1978, p. 242) “É conhecida a extenuada fuga para trás do pensamento em busca da primeira verdade e, mais fundamentalmente ainda, em busca de um ponto de partida radical que poderia ser absolutamente uma primeira verdade”. Desse modo, o pensamento ricoeuriano ao se valer também da riqueza haurida dos símbolos, desemboca numa complexa metodologia dialética-interpretativa, uma verdadeira “simbólica da consciência”. “Convencido de que todo o pensamento moderno se tornou interpretação, elabora uma grande simbólica da consciência, que se encontra na raiz mesma de todas as determinações históricas e espirituais do homem” (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 236).

A teoria da ação como propedêutica da vida boa: padrões de excelência e hierarquização da *práxis*

A relevância de uma vida boa a partir de Ricoeur se desvela na própria constituição de uma teoria da ação na qual as ações podem ser avaliadas a partir dos padrões de excelência e da hierarquia da *práxis*. Esses padrões trazem necessariamente o repertório de outras categorias do campo da ação. É por meio delas que se vai classificar como bom aquele que executa uma determinada ação. Elas são confrontadas com padrões de excelência a partir dos quais o sujeito avalia seu atuar e seu viver.

É no exercício da autoavaliação das ações e das práticas que o sujeito volta a si mesmo e exerce seu poder de avaliação do seu agir e de suas práticas. Este processo não se constitui de modo completamente autônomo, pois os padrões de excelência de algum modo moldam nossas ações, sendo que estes padrões derivam de práticas instituídas socialmente. Esta tese vem então reforçar a perspectiva de que a ação coletiva de algum modo se antepõe ao sujeito autônomo que pode arbitrar sobre a excelência de sua ação e suas práticas enquanto boas.

É examinando/apreciando as nossas ações e nossa práticas, interpretando o nosso atuar e confrontando-o com os padrões de excelência, que fazemos uma apreciação de nós mesmos como autores de nossas ações, de modo que elas sejam sempre excelentes, admiráveis e assertivas. Nesse sentido o ser humano, se coloca no caminho de uma constante educação de suas ações, mediante a via da autossuperação⁵. Em outras palavras, a busca de um ideal de bem-viver está em plena sintonia com a compreensão da adoção de um estilo de vida, um ideal a ser buscado. Nesse sentido, o ser humano se torna um educador de si mesmo na medida em que se regula pelos padrões que são próprios do que consideramos na ordem das profissões, um bom médico, um bom orador, um bom professor etc.

Ou seja, o educador capaz de estimular esse tipo de educação que aponta para a emancipação é aquele que preza pela busca do sentido por si mesmo e do agir com excelência. Isto não significa que esta caracterização remeta ao individualismo; ao contrário, esta perspectiva sinaliza para o fortalecimento da sociedade, na medida em que cada indivíduo, cômico de si mesmo, vive em sociedade na sua dimensão de liberdade cidadã. Mesmo as pessoas menos favorecidas podem ter a busca da excelência como meta (NOBRE; MENDONÇA, 2016, p. 163).

⁵ “A autossuperação supõe a árdua tarefa da autocrítica” (MENDONÇA, 2009, p. 94). “Atrelada a esta palavra - autossuperação -, deparamos com expressões como: vida aristocrática, vontade de potência, revalorização dos valores. São termos nietzschianos da tese de doutorado de Samuel Mendonça, que tem como referencial teórico o pensamento de Nietzsche” (NOBRE; SAMUEL, 2016, p. 162).

Nesse sentido, o sujeito se sabe consciente das responsabilidades que lhe cabe de cada vez mais se qualificar como ser humano capaz, ele se tornará cada vez mais apto e proativo no processo de autocrítica e autossuperação, adotando um estilo de vida aristocrático no sentido de ponderar suas escolhas se valendo dos padrões de excelência do agir e das práticas, pois somente assim ele se saberá realizando-se na sua máxima medida. A esse respeito Ricoeur nos faz entender que:

Esses padrões de excelência são regras de comparação aplicadas aos resultados diferentes, em função de ideais de perfeição comuns a uma certa coletividade de executantes, e interiorizadas pelos mestres e virtuosos da prática considerada. Vemos quão precioso é esse recurso aos padrões de excelência da prática para refutar ulteriormente toda interpretação solipsista da estima de si, no trajeto da qual colocamos as práticas. As práticas, observamos, segundo MacIntyre⁶, são atividades cooperativas cujas regras constitutivas são estabelecidas socialmente; os padrões de excelência que lhe correspondem no domínio desta ou daquela prática vêm de mais longe que o executante solitário. Esse caráter cooperativo e tradicional das práticas não exclui mas suscita realmente antes a controvérsia, principalmente quanto à definição dos padrões de excelência, os quais também têm sua própria história. É verdade, contudo, que a competição entre executantes e a controvérsia concernente aos padrões de excelência não teria lugar se não existisse na cultura comum aos práticos um acordo bastante durável sobre os critérios que definem os níveis de sucesso e os graus de excelência (RICOEUR, 1991, p. 207).

Ricoeur enfatiza assim, que os padrões de excelência têm um papel social fundamental que instiga o sujeito a viver não fechado em si mesmo, mas, leva-o a compreender que ele vive inserido na vida em sociedade, na qual é julgado. Trata-se, portanto de um trabalho de ‘polimento’ interior, em vista de uma postura agradável no exterior, na vida cotidiana e social. Se as práticas humanas são atividades racionalizadas e cooperativas, cujas regras constitutivas são estabelecidas socialmente, é possível entender com Ricoeur, que, “nenhuma ação é somente *poiésis* ou somente *práxis*. Ela deve ser *poiésis* em vista de ser *práxis*”(RICOEUR, 1991, p. 207). Isso não quer dizer que esse caráter cooperativo não suscite controvérsias, porém, a intenção delas é levar o sujeito a refletir cada vez mais no sentido de se auto-conscientizar de que ele não é executante solitário de sua vida, mas a partir da estima de si, da própria vida se direciona para a sua mais alta realização, independente de ela ser racionalizada ou não, como

⁶ Alasdair Chalmers MacIntyre é um filósofo britânico principalmente conhecido por suas contribuições para a moral e pela filosofia política, mas também é conhecido por suas obras no campo da história da filosofia e teologia, no qual Ricoeur também se fundamenta na constituição da sua ‘pequena ética’.

no exemplo do agricultor/lavrador que tem a sua prática em vista de um fim: a sua realização humana e da humanidade mediante a sua ação prática.

Desse modo, Ricoeur, ponderando sobre a hierarquização da *práxis*, em sua herança aristotélica, afirma que:

A primeira grande lição que guardaremos de Aristóteles é de ter procurado na *praxis* a ancoragem fundamental da perspectiva da “vida boa”. A segunda é de haver tentado constituir a teleologia interna à *praxis* princípio estruturante da perspectiva da “vida boa”. A esse respeito, não é certo que Aristóteles tenha resolvido o paradoxo aparente segundo o qual a *práxis*, pelo menos a boa *práxis*, seria para si mesma seu próprio fim, ao visar um fim ulterior. O paradoxo seria resolvido se encontrássemos um princípio de hierarquia tal, que as finalidades fossem de algum modo incluídas umas nas outras, ficando o superior como o excesso do inferior (RICOEUR, 1991, p. 203).

Nesta perspectiva, entendemos que Ricoeur proporcionar ao seu interlocutor o entendimento de que o sujeito, ciente de seu processo de amadurecimento na prática de suas ações e da consciência dos fins, deverá sempre fazer escolhas assertivas, mediante a hierarquização das práticas em vista dos fins a serem alcançados. Ele saberá ponderar e estabelecer prioridades razoáveis. Desse modo, compreendemos que o princípio da hierarquia da *práxis* dá-se de uma forma ascética, em forma de espiral, de superação, em busca de um crescimento cada vez maior do ser humano. É um processo de depuração constante, pois apesar de a boa *práxis* já ser uma ação boa, deve sempre crescer, de uma maneira que uma ação boa se inclua à outra, como suporte sucessivo de amadurecimento constante.

A hierarquização da *práxis*, na perspectiva ricoeuriana, mostra que a finalidade interna da ação humana é a deliberação que busca a adequação do que nos parece melhor para o viver prático. Percebamos nas palavras de Ricoeur, a ideia de crescimento nas nossas ações que nos conduzem a um dilatar constante, progressivo, sob a ideia de uma vida concluída no processo de corrigir rotas, fazer escolhas razoáveis e assertivas para que a vida boa seja para todos:

Lembremos de que maneira, sob a pressão da teoria narrativa, fomos conduzidos não somente a dilatar como também a hierarquizar o conceito da ação de maneira que fosse levado ao nível da *práxis*; desse modo, colocamos em alturas diferentes na escala da *práxis*, práticas e planos de vida. Colocamos então a entonação sobre o princípio unificador próprio a cada uma dessas entidades práticas. É a mesma hierarquia da *práxis* que iremos percorrer de novo, desta vez do ponto de vista de sua integração ética sob a ideia da “vida boa” (RICOEUR, 1991, 206).

Argumentamos assim, que essa ideia de hierarquização da *práxis* e padrões de excelência, estão em consonância com o plano ético do bem-viver fomentado pela ética

ricoeuriana o que lhe confere uma relevância ímpar para os conflitos e tumultos sócio-humanos da contemporaneidade. Plano esse que se estende numa teleologia interna à ação e que, por sua vez, reflete, propositadamente, num grau mais elevado da integração das ações nos projetos globais, incluindo, por exemplo, vida profissional, vida de família, vida de lazer, vida associativa, vida amorosa e política. Trata-se enfim, de especificar genuinamente os vagos ideais do bem-viver humano, valendo-se da *phronesis* ou prudência aristotélica como paradigma de orientação prática para o agir humano, que, por sua vez, se sabe inacabado e em constante processo de reconhecimento de si e de aprimoramento.

Ou seja, é um trabalho incessante de autointerpretação das nossas ações, de nossos ideais, desejos e de nós mesmos, no qual deveremos praticar bem os nossos afazeres cotidianos, a fim de melhor adequarmos a nossa vida aos ideais que aspiramos, governando e direcionando, assim, nossas ações práticas para agir bem. Como diz Ricoeur, é uma finalidade superior que depende da ação de cada um, em vista do bem comum.

O bem-viver como momento privilegiado da “pequena ética” de Ricoeur

Argumentamos que a “pequena ética” fomentada por Ricoeur contribui para que o seu leitor se torne conhecedor apto de um caminho interpretativo sobre a sua ação na história. Mediante a adoção de um estilo interpretativo de vida, o sujeito, ao refletir sobre si mesmo, acaba mais bem habilitado para lidar com o encontro das muitas culturas que hoje se vêem imersas num contexto global de crises.

No campo da ética, no que diz respeito ao tema da vida boa, Ricoeur propõe as seguintes teses: 1) A ética exerce uma primazia sobre a moral; 2) Há necessidade da perspectiva ética de perpassar pelo crivo da norma; 3) Há legitimidade do recurso da norma à perspectiva ética, quando a norma conduz a impasses práticos; 4) A solicitude e a estima de si não podem ser pensadas uma sem a outra; 5) A *igualdade* é para a vida nas instituições o que a *solicitude* é nas relações interpessoais. Atrelado ao tema do bem-viver, Ricoeur trabalha conceitos como: equidade, justiça, vida boa, tolerância, intolerância, intolerável, alteridade, Estado de Direito, respeito, felicidade, solicitude, violência, cultura, democracia, prudência, amizade, reconhecimento, dentre outros.

O bem-viver é para Ricoeur o primeiro componente de sua “pequena-ética”, tem a mesma conotação que “vida boa”, “vida feliz”, “vida concluída” ou “vida realizada”. Mas o bem-viver, segundo Ricoeur, desenvolve-se ou é possível apenas em nível social e comunitário.

A vida boa é entendida por ele não como uma vida isolada, antissocial, mas, antes de tudo, como uma vida que se vive em sociedade, respeitando e valorizando a si mesmo, o diverso de si e as instituições.

Ao seguirmos o percurso da “pequena ética” de Ricoeur, do estudo sete para o estudo oito de *O si-mesmo como outro* (que inclui o estudo nove), ele incorpora a noção de respeito ao outro como fim em si mesmo (Kant) e, nesse sentido, podemos falar de uma vida que procura ver sempre e em primeiro lugar a pessoa humana em sua dignidade e diversidade nas suas mais variadas culturas, sem jamais subjugá-la. É um viver livre da prática de preconceitos, marcado pela admiração e atenção para consigo e com os outros, o que leva o ser humano a uma autointerpretação de si e das diferentes culturas sob égide do respeito à diversidade e sem violência.

Desenvolve-se, desse modo, sempre num espírito da busca de uma coexistência pacífica, pois para Ricoeur, a pessoa só vive bem, no mundo globalizado da atualidade, quando é capaz de “con-viver” consigo mesmo e com o outro, nas suas relações de vida cotidiana: empresas e sociedade em geral (NOBRE, 2019, p. 255).

Compreendemos assim, que, no nível ético, a vida boa não pretende se fechar em si, mas viver a alteridade; também não se trata de viver uma vida sem limites, mas uma vida regrada com um objetivo expansivo, aberto ao crescimento humano em busca de uma sabedoria prática ou prudência (nono estudo) no relacionamento da *ipseidade*, nas situações singulares.

No que diz respeito ao plano ético da vida boa (sétimo estudo), Ricoeur afirma que ela não é uma vida fragmentada, mas articulada a vínculos culturais. Nesse sentido, ele nos diz que: “O aparecimento da palavra ‘vida’ merece reflexão. Ela não é tomada num sentido puramente biológico, mas no sentido ético-cultural, [...], designa o homem completo por oposição às práticas fragmentárias” (RICOEUR, 1999, p. 209), ou seja, se trata de uma ética em que se procura fomentar “uma educação humanizada que contribua na formação de pessoas abertas, integradas e interligadas, que também sejam capazes de cuidar da casa comum” (CNBB, 2021, p. 11). Observamos que o bem-viver a partir da perspectiva teleológica de matriz aristotélica, relida na atualidade por Ricoeur, possibilita entender que a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis se não houver a preocupação em também se difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza. De modo que é possível recordar hoje cada vez mais que,

[...] em um tempo marcado pela pandemia da Covid-19 e por diversos conflitos, distanciamentos e polarizações, é preciso reaprender a amar, a

perdoar, a cuidar, a curar, a dialogar e a servir a todos. Educar é construir a verdadeira fraternidade alicerçada na justiça e na paz (CNBB, 2021, p. 11).

Entendemos que, para Ricoeur, o termo “vida” designa ao mesmo tempo um enraizamento biológico da vida e a unidade do ser humano por completo, enquanto é esse humano que lança sobre si mesmo o olhar da apreciação, apreciação da sua própria vida enquanto alguém que age e que sofre ações exteriores, reconhecendo claramente que sua grande tarefa é qualificar-se como ser genuinamente humano. Ou seja, de um sujeito que não é uma coisa entre as coisas, mas que pode ser reposicionado no âmbito da *ipseidade*, que põe a questão *quem?* na esfera do falar, do agir, do narrar e que é capaz de assumir a responsabilidade por seus atos.

Dito de outro modo, o autor, no sinuoso processo de refletir sobre a constituição de uma vida digna de ser reconhecida como um modo de vida boa, considera que é aquela em que o sujeito é capaz de interrogar-se, como um locutor que se designa a si mesmo perante sua capacidade de construir sua identidade narrativa, como sujeito responsável pelas suas ações “no caminho de volta para o si-mesmo” (RICOEUR, 1991, p. 200).

Nessa perspectiva ética ricoeuriana do bem-viver o ser humano é capaz de se autointerpretar, de trabalhar segundo uma intenção, buscando o sentido das coisas a fim de perceber os erros, num desejo de crescimento rumo a uma vida adulta crítico-reflexiva. Assim, no reconhecimento do plano de vida boa, o humano se coloca no mundo da apreciação de si e do diverso de si. Tem um ideal de bem-viver sempre equilibrado entre as objetivações da vida e o refletir sobre elas. Quando atingimos esse estágio, estamos no plano ético que se torna “estima de si”.

O sentido do bem-viver, que com certeza não será esgotado aqui, nos põe diante do desafio de adotar esse estilo de vida marcada pela abertura em uma cultura marcada pela clausura do individualismo. A esse respeito Ricoeur pondera:

Com referência ao conteúdo, “vida boa” é, para cada um, a nebulosa de ideais e de sonhos de cumprimento com respeito à qual uma vida é considerada mais ou menos realizada ou irrealizada. É o “em vista de que” tendem essas ações das quais dissemos, todavia, que tinham seu fim em si mesmas. Mas essa finalidade na finalidade não arruína a suficiência a si das práticas, por tanto tempo quanto seu fim já é colocado e permanece colocado; essa abertura, que fratura práticas que teríamos dito fechadas sobre si mesmas, quando a dúvida concernente à orientação de nossa vida nos atinge, mantém uma tensão, quase sempre discreta e tácita, entre o fechado e o aberto na estrutura global da *práxis*. O que se pensa aqui é a ideia de uma filosofia superior que não deixaria de ser interior ao agir humano (RICOEUR, 1991, p. 210).

A respeito do seu conceito fundamental de ação e sobre a ética ricoeuriana, a professora Maria Clara Bingemer (2015) pondera:

Seu conceito da ação que segue e permanece como legado humano é uma de suas grandes contribuições à filosofia. Após 1989 e os acontecimentos da queda do socialismo real que mudaram a face da terra, Paul Ricoeur voltou ao proscênio do debate filosófico francês com sua reflexão centrada sobre a pessoa, a alteridade, a solicitude e as instituições justas. Mas sobretudo sua filosofia moral encontrou poderoso eco no pensamento atual ao abrir a possibilidade de refletir e agir por si mesmo, ou mais exatamente, como diz o belo título de uma de suas grandes obras, *Si mesmo como um outro*.

Fiel à sua fé, esse filósofo protestante que participou da fundação do mosteiro ecumênico de Taizé, na França, e jamais deixou de frequentá-lo por ver ali um lugar onde era possível aproximar-se da bondade, soube fundar sua filosofia sobre o respeito do outro e a reciprocidade das relações humanas. Em meio às verdadeiras guerras intelectuais que assolam violenta e soberbamente os meios acadêmicos, Ricoeur, em atitude sempre discreta e humilde, privilegiou a escuta, a atenção profunda à assimetria possível no diálogo e ao argumento sempre respeitável do adversário. Para nós, intelectuais de hoje, seu legado é o de um caminho generoso e certamente apto a conduzir as criaturas falíveis que somos, através dos desconfortos destes tempos modernos e pós-modernos

Considerações finais

Ao tratar da questão da relevância da ética do bem-viver ricoeuriano na contemporaneidade, a nosso juízo, essa relevância se efetiva exatamente por entendermos que o seu pensamento lança luzes sobre as dificuldades humanas para a sua realização plena e possibilita uma compreensão sempre em processo de aperfeiçoamento. Entendemos que as questões desafiadoras da contemporaneidade reivindicam um olhar sempre mais agudo tendo em vista um horizonte de expectativa voltado para a realização e a para vida em sociedade, conforme a proposta de Ricoeur.

Em vista desta perspectiva o presente texto ressaltou algumas condições teóricas e práticas do bem viver de acordo com a perspectiva ética ricoeuriana. Mas nós consideramos também a possibilidade de refletimos sobre a urgência de adotamos um novo estilo de vida em cujo bem-viver se encontra o horizonte e o caminho da realização humana.

As ponderações aqui levantadas nos introduzem no percurso de um genuíno caminho de formação humana integral em cujo bem-viver o humano se realiza na sua máxima medida. Entendemos que, somente assim seremos capazes de possibilitar ao ser humano a compreensão da necessidade de fazermos um exercício hermenêutico do si. Em suma, é sobre a análise de si mesmo, do outro e ressaltando o imprescindível papel das instituições que a vida boa se efetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científica*. 5. Ed. Tradução: Estela de Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BINGEMER, Maria Clara L. *Paul Ricoeur ou a primazia do outro*. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/63005/noticia.htm?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 10/02/2022.
- CANGUILHEM, Georges. *O Conhecimento da vida*. Tradução: Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- CASTRO, M.G.A. *Imaginação em Paul Ricoeur*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- CHANGEUX, Jean-Pierre; RICOEUR, Paul. *La naturaleza y la norma: lo que nos hace pensar*. Trad. Carlos Ávila Flores. México: Fondo de Cultura Económica, 2017.
- CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Fraternidade e Educação: fala com sabedoria, ensina com amor*. Campanha da Fraternidade 2022: Texto Base. Brasília: Edições CNBB, 2021.
- GRONDIN, Jean. *Paul Ricoeur*. Trad. Sybil Safdie Douek. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- HAHN, L.M.M. *Hermenêutica e ontologia em Paul Ricoeur*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- NOBRE, José Aguiar. Teologia, ética e sociedade: reflexões sobre o bem-viver a partir da antropologia filosófica de Paul Ricoeur. In: *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 11, n. 1, 251-269, jan./abr. 2019.
- NOBRE, José Aguiar. *A Revelação divina hoje: uma percepção do agir de Deus na história a partir do pensamento de Andrés Torres Queiruga*. Rio de Janeiro, 2017. 299p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- NOBRE, José Aguiar; MENDONÇA, Samuel. *Desafios para a educação democrática e pública de qualidade no Brasil*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2016.
- POPPER, Karl e ECCLES, John C. *O Eu e seu Cérebro*. Trad. Sílvio Menezes Garcia, Helena Cristina Fontenelle Arantes e Aurélio Osmar Cardoso de Oliveira. 2ª ed. Campinas, SP; Brasília, DF: Papyrus: Editora Unb, 1995.
- RICOEUR, Paul. *O Si-mesmo como um outro*. Trad. Lucy Moreira César. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações*. Trad.: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- RICOEUR, Paul. *Outramente*. Trad.: Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RICOEUR, Paul. *Escritos e conferências 2: hermenêutica*. Trad. Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Edições Loyola, 2011.